

SELETA

(N. da R.: Com o nome **Seleta**, passaremos doravante a designar a seção que vinha sendo denominada **Transcrição**. Sem deixar de ser uma transcrição, julgamos o novo título mais adequado a uma seção que tem por objetivo oferecer aos leitores um excerto do autor tomado como "vulto da historiografia brasileira" no número em curso)

BANDEIRA

Bernardino José de Sousa

Bandeira: termo conhecidíssimo na História do Brasil, designativo das expedições que, nos tempos coloniais, entravam no imenso sertão brasileiro, à cata de índios para escravizar, à procura de minas de que corriam notícias fabulosas, para o combate aos **quilombos**, para a exploração e posse permanente das terras percorridas. Se, hoje em dia, a tendência da historiografia nacional é estender o nome de **bandeira** a todas as expedições que se dirigiam para o interior com aqueles objetivos, restrita e verdadeiramente ele só se deve aplicar às turmas expedicionárias que se organizavam em São Paulo, caracterizadas principalmente pelo cunho espontâneo de sua formação (Basílio de Magalhães). As expedições organizadas pelos governadores ou prepostos da Coroa, de cunho oficial, chamam-se **entradas**. As verdadeiras bandeiras, de guerra ou de colonização, de caça ao índio ou dos ciclos do ouro das minas, das levas de sertanistas que varam o deserto cobiçado na "mais extraordinária marcha colonizadora que se conhece", conquistando para a Pátria brasileira milhões de quilômetros quadrados, e de cuja organização nos deu tão bela imagem o insigne mestre João Ribeiro (**História do Brasil**, págs. 227 a 229 - 3ª edição), são estas um fenômeno eminentemente paulista. Todavia, já fizemos sentir a extensão que os nossos historiadores vão dando à palavra, tomando-a sinônima de **entradas**, **jornadas** (nome peculiar às **entradas** do Nordeste), com a variante **monção** (expedição que de Porto Feliz sulcava o Tietê águas abaixo), e correspondente ao que os espanhóis denominavam **maloca**.

O nome de **bandeira** começou a ser usado com tal sentido no Brasil no século XVII, a centúria das grandes e atrevidas expedições

do Brasil adentro: é o que nos ensina o seu magno historiador Afonso de Taunay (**História Geral das Bandeiras**, Tomo I, pág. 132). E qual a razão de ser desta denominação? Divergem os autores brasileiros. Afrânio Peixoto (**Minha Terra e Minha Gente**), Capistrano de Abreu (citado por Delgado de Carvalho em sua **Corografia**), Gentil Moura (**As Bandeiras Paulistas**) e outros, a maioria, dizem provir do fato de terem as **bandeiras** uma insígnia, um estandarte, uma bandeira, em torno dos quais reuniam os expedicionários, que os conduziam como símbolos de guerra; Artur Orlando (**Brasil: a Terra e o Homem**) e Osório Duque Estrada (**História do Brasil**) derivam-na de bando capitaneado por um caudilho; Rocha Pombo (**História do Brasil**, vol. VI), citando a autoridade de J. Mirales (**História Militar do Brasil**, publicada nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. 22), indica, a nosso aviso, a verdadeira origem do termo. **Bandeira**, diz o mestre, “chamavam-se pequenos grupos de assalto que se destacavam de um corpo de tropas ou de uma guarnição, com alguma incumbência arriscada e dependente mais da rapidez do ataque do que do combate leal”. De feito, além de J. Mirales, no livro clássico de Latino Coelho, **História Militar de Portugal**, à pág. 6, encontramos o nome **bandeirantes** ou companhias, como frações de tropa que combatiam dispersas e isoladas, antes do século XVII. Segundo lemos na **Enciclopédia Hispano-Americana**, dava-se o nome de **bandeira** primitivamente, ao tropel de gente armada, e depois, às companhias dos **terços** de infantaria. Por outro lado, o insigne mestre Teodoro Sampaio, em notas que nos forneceu, afirma não ser a bandeira sinal que apareça nos bandos sertanistas, o que concorda com a opinião de Francisco de Paula Ribeiro, numa **Memória sobre as Nações Gentias** (Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, tomo III, pág. 143), na qual lemos: “Eis aqui pois formada uma **bandeira**, nome que desde muito dão os moradores a estes ajuntamentos, e dão-lhe tanto sem motivo, quanto porque é insígnia esta ou sinal, que não aparece ali, como porque primeiro se lhes deveria chamar bandos de homens tumultuosos, do que batalhão concertado...”.

Julgamos, assim, muito mais plausível que o nome de **bandeira**, dado às caravanas em marcha pelos sertões, seja uma revivescência, no Brasil, das companhias de assalto que outrora, na metrópole, eram incumbidas de reconhecimentos arriscados e empresas temerárias: na preia do índio solerte, na procura do ouro, da prata, das esmeraldas e outras pedras preciosas, no combate aos traiçoeiros **quilombolas**, na penetração e colonização de uma terra ignota e virgem, tudo era uma cilada, uma insídnia, um perigo instantâneo, e aquela gente **abandeirada**, que se confessava e fazia testamento antes de partir, revelava inédita coragem e audácia sem-par.

(**Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**, 5ª edição; verbete **Bandeira**, págs. 28 e 29. São Paulo, Editora Nacional, 1961, coleção “**Brasiliana**”, série Grande Formato, vol. 19.)